

O que é a Verdade? - Número Três

O caminho de Emaús

Jeff Pippenger

2023-09-07

No evangelho de João, desde logo após a Última Ceia até Jesus ir ao Jardim do Getsêmani, há uma longa narrativa do capítulo catorze até o final do capítulo dezessete. Pretendo tratar desses capítulos no próximo artigo. Este artigo serve de base para construir a compreensão daqueles capítulos. Em termos da linha de reforma da história de Cristo, o diálogo de Cristo e de seus discípulos naqueles capítulos ocorre logo após a entrada triunfal e pouco antes da cruz. Jesus entrou em Jerusalém, depois fez sua última refeição com os discípulos, então ocorre a narrativa e ele vai ao Getsêmani e, à meia-noite daquele mesmo dia, é preso e tem início o processo em sete etapas que leva à crucificação. Ele e os discípulos estavam, profeticamente, situados logo após a reunião campal de Exeter e pouco antes do Grande Desapontamento, numa história que é representada pelo movimento do sétimo mês. Na narrativa que começa logo após a Última Ceia, a primeira coisa que Jesus diz é:

Não se turbe o vosso coração: credes em Deus, crede também em mim. João 14:1.

Sabendo que um grande desapontamento estava a poucas horas de acontecer, Jesus procurou fortalecer Seus discípulos para a crise que se aproximava. A linha oculta de profecia, dentro dos quatro marcos que constituem os eventos simbolizados pelos sete trovões, é a história em que ocorrem essas três etapas da narrativa no Evangelho de João. Essa linha oculta, dentro dos sete trovões, representa a história do primeiro ao último desapontamento.

Pouco antes de Jesus lhes dizer: "Não se perturbe o vosso coração", Judas Iscariotes tinha saído da ceia para ir ao Sinédrio pela terceira e última vez. Quando deixou a ceia para sua terceira reunião, encerrou o seu período de graça.

No contexto da linha oculta dentro do símbolo dos sete trovões, a entrada triunfal de Cristo representa o Clamor da Meia-Noite, em que se manifestam duas classes de adoradores. O marco da letra central, no hebraico, que é empregada para formar a palavra hebraica "verdade", é a décima terceira letra do alfabeto hebraico. Treze representa rebelião e, como um marco profético, representa o Clamor da Meia-Noite, em que as virgens néscias representam uma manifestação de rebelião, assim como Judas durante o marco da entrada triunfal.

"Tem havido e sempre haverá joio entre o trigo, as virgens insensatas com as prudentes, os que não têm azeite em suas vasilhas com suas lâmpadas. Houve um Judas cobiçoso na igreja que Cristo formou na terra, e haverá Judas na igreja em todas as etapas de sua história." Signs of the Times, 23 de outubro de 1879.

Quando Judas devolveu o dinheiro, admitiu sua traição a Caifás e depois a Cristo; em seguida, foi se enforcar. Ao sair do tribunal, clamou com as mesmas palavras que expressam o dilema das virgens insensatas, quando reconhecem que não obtiveram o azeite.

"Judas viu que suas súplicas eram em vão e saiu correndo do salão, exclamando: É tarde demais! É tarde demais! Ele sentiu que não podia viver para ver Jesus crucificado e, em desespero, saiu e enforcou-se." Desejo das Eras, 722.

Judas ilustra uma falsa mensagem do Clamor da Meia-Noite como “saiu correndo do salão, exclamando: É tarde demais! É tarde demais!”. A mensagem sempre manifesta duas classes de adoradores e, assim como na história milerita, as virgens néscias prosseguem com uma mensagem falsa depois que chega o verdadeiro Clamor da Meia-Noite. Assim, na história milerita temos o movimento que elegeu William Miller como líder, enquanto rejeitava a mensagem do terceiro anjo e se opunha ao pequeno rebanho que seguiu a Cristo ao Lugar Santíssimo.

Minha mente foi levada ao futuro, quando o sinal for dado. 'Eis que o Noivo vem; saí ao encontro dele.' Mas alguns terão tardado em obter o azeite para reabastecer suas lâmpadas, e descobrirão tarde demais que o caráter, representado pelo azeite, não é transferível. Review and Herald, 11 de fevereiro de 1896.

O terceiro marco da história oculta representa o julgamento e é simbolizado pela última letra do alfabeto hebraico. A letra é "Tav" e, quando escrita, tem o formato de uma cruz. A cruz representa julgamento.

Desde o primeiro desapontamento na história milerita até o Clamor da Meia-Noite, ou desde a letra alfa até a décima terceira letra, há um marco que representa um período de tempo, identificado como o tempo de tardança na parábola das dez virgens, um tempo de tardança que também está no capítulo dois de Habacuque. Do Clamor da Meia-Noite, ou da décima terceira letra de rebelião, até o Grande Desapontamento, a última letra do alfabeto, há também um período de tempo que foi chamado de "movimento do sétimo mês", não porque tenha durado sete meses, mas porque a mensagem do Clamor da Meia-Noite identificava que Cristo viria no décimo dia do sétimo mês do calendário judaico, que era o Dia da Expição.

O contexto da narrativa de João, do capítulo quatorze até o capítulo dezoito, inicia-se em um período de tempo que tipifica o movimento do sétimo mês da história milerita. O tema da narrativa do evangelho de João é preparar os discípulos para a crise iminente da cruz (a letra 'Tav'). Cristo, portanto, identifica que desde Sua morte até que Ele ascenda ao Seu Pai e retorne seria, para Seus discípulos, um período de tristeza, incerteza e decepção. Assim como nas características proféticas de todas as decepções iniciais que estão representadas no testemunho das linhas de reforma, a decepção envolve uma condição provocada pela desconsideração de uma verdade importante previamente revelada. A morte de Cristo na cruz era e é uma verdade importante, e Ele havia dito diretamente aos discípulos que seria crucificado e ressuscitaria, mas a crise foi tão grande, tão avassaladora, que eles se esqueceram do que deveriam ter lembrado.

"Quando Cristo, a Esperança de Israel, foi suspenso na cruz e elevado, como Ele disse a Nicodemos que seria, a esperança dos discípulos morreu com Jesus. Eles não podiam explicar o assunto. Eles não conseguiam entender tudo o que Cristo lhes havia dito sobre isso antes." Fé e Obras, 63.

O tema central de toda a narrativa nos quatro capítulos de João que estamos abordando consistia em Jesus preparar Seus discípulos para o período de desapontamento que eles experimentariam, começando com a prisão de Jesus à meia-noite, até que Ele retornasse depois de subir ao Pai. Nos quatro capítulos de João, esse período em que Cristo esteve ausente dos discípulos representa um tempo de tardança. Historicamente, esse período de tempo, que estou identificando como um tempo de tardança, ocorreu após a crise da cruz. Nos quatro capítulos que estamos prestes a considerar, eles representam profeticamente o tempo de tardança que começa com o primeiro desapontamento, e não após o grande desapontamento da cruz.

Por que estou sugerindo que o último desapontamento para o qual Cristo estava preparando Seus discípulos tipificava o primeiro desapontamento que, na linha de reforma de Cristo, foi a morte de Lázaro? Essa questão precisa ser resolvida antes que possamos ver a narrativa nos quatro capítulos de João à luz das verdades que agora estão sendo desveladas em conexão com a história oculta dos sete trovões.

Na história de Cristo, o período entre a morte e a ressurreição de Lázaro corresponde ao tempo de tardança. Cristo então vai a Jerusalém para Sua entrada triunfal. Cristo, em João 14, está falando aos Seus discípulos durante a história do que seria o movimento do sétimo mês, que começou quando o tempo de tardança já havia terminado com a chegada da mensagem do Clamor da Meia-Noite que iniciou o movimento do sétimo mês.

Para compreender como a palavra hebraica "verdade" confirma a identificação da história oculta que foi desvelada a partir da história simbólica dos sete trovões, é necessária uma análise cuidadosa da mensagem que Cristo então transmitia a seus discípulos em João, do capítulo catorze ao capítulo dezessete. Um exemplo do marco do Grande Desapontamento sendo empregado para ilustrar o marco do primeiro desapontamento pode ser reconhecido na experiência dos discípulos no caminho de Emaús.

O que pôs fim ao tempo de tardança na história milerita foi a correção da predição anteriormente fracassada de 1843. A obra de Samuel Snow no desenvolvimento da mensagem que deu início ao movimento do sétimo mês, que culminou no Grande Desapontamento, pode ser acompanhada historicamente, seguindo o crescimento de sua compreensão por meio de seus escritos publicados e de suas apresentações públicas que culminaram na reunião campal de Exeter. O comentário inspirado aborda esse desenvolvimento de modo diferente do que simplesmente o desenvolvimento histórico da mensagem final de Snow. A Irmã White nos informa que a mensagem foi reconhecida quando o Senhor retirou Sua mão de um erro nos números do quadro de 1843 de Habacuque.

Vi o povo de Deus jubiloso na expectativa, aguardando o seu Senhor. Mas Deus determinou prová-los. Sua mão encobriu um erro no cálculo dos períodos proféticos. Aqueles que aguardavam o seu Senhor não descobriram esse erro, e os homens mais eruditos que se opunham à data marcada também não conseguiram percebê-lo. Deus determinou que seu povo passasse por uma decepção. O tempo passou, e os que haviam aguardado com jubilosa expectativa o seu Salvador ficaram tristes e desanimados, enquanto os que não amaram a vinda de Jesus, mas abraçaram a mensagem por temor, ficaram satisfeitos por ele não ter vindo no tempo esperado. Sua profissão de fé não havia atingido o coração, nem purificado a vida. A

passagem do tempo foi bem calculada para revelar tais corações. Eles foram os primeiros a voltar-se e ridicularizar os entristecidos e decepcionados que realmente amavam a vinda de seu Salvador. Vi a sabedoria de Deus em provar o seu povo e dar-lhes uma prova sondadora para descobrir aqueles que recuariam e voltariam atrás na hora da provação.

Jesus e todas as hostes celestiais contemplavam com simpatia e amor aqueles que, com doce expectativa, haviam ansiado ver Aquele a quem suas almas amavam. Anjos pairavam ao redor deles, para sustentá-los na hora de sua provação. Os que haviam negligenciado receber a mensagem celestial foram deixados em trevas, e a ira de Deus se acendeu contra eles, porque não quiseram receber a luz que Ele lhes havia enviado do céu. Aqueles fiéis, porém desapontados, que não podiam entender por que seu Senhor não viera, não foram deixados em trevas. Novamente foram conduzidos às suas Bíblias para examinar os períodos proféticos. A mão do Senhor foi retirada dos números, e o erro foi explicado. Viram que os períodos proféticos se estendiam até 1844 e que as mesmas evidências que haviam apresentado para mostrar que os períodos proféticos se encerravam em 1843 provavam que se encerrariam em 1844. A luz da Palavra de Deus brilhou sobre sua posição, e eles descobriram um tempo de tardança — 'Ainda que [a visão] tarde, espera por ela.' Em seu amor pela vinda imediata de Cristo, haviam desconsiderado a tardança da visão, a qual fora destinada a manifestar os verdadeiros que aguardavam. Mais uma vez tinham uma data. No entanto, vi que muitos deles não conseguiam superar seu profundo desapontamento para possuir aquele grau de zelo e energia que havia marcado sua fé em 1843.

Satanás e seus anjos triunfaram sobre eles, e os que não quiseram receber a mensagem deram a si mesmos os parabéns por seu juízo e sua sabedoria previdentes em não aceitarem o engano, como o chamavam. Não perceberam que estavam rejeitando o conselho de Deus contra si mesmos e trabalhando em união com Satanás e seus anjos para confundir o povo de Deus, que colocava em prática a mensagem enviada do céu.

"Os crentes nessa mensagem foram oprimidos nas igrejas. Por algum tempo, os que não queriam receber a mensagem foram refreados pelo medo de agir conforme os sentimentos de seus corações; mas, com o passar do tempo, revelaram-se seus verdadeiros sentimentos. Eles desejavam silenciar o testemunho que os que aguardavam sentiam-se compelidos a dar, de que os períodos proféticos se estendiam até 1844. Com clareza, os crentes explicaram seu erro e apresentaram as razões pelas quais esperavam seu Senhor em 1844. Seus opositores não puderam apresentar argumentos contra as poderosas razões oferecidas. No entanto, acendeu-se a ira das igrejas; estavam decididas a não ouvir as evidências e a excluir o testemunho das igrejas, para que os outros não pudessem ouvi-lo. Aqueles que não se atreviam a ocultar dos outros a luz que Deus lhes havia dado foram excluídos das igrejas; mas Jesus estava com eles, e alegravam-se na luz do Seu semblante. Estavam preparados para receber a mensagem do segundo anjo." Primeiros Escritos, 235-237.

A história recém-exposta descreve, entre outras coisas, a experiência de 18 de julho de 2020; contudo, o ponto que desejo que você considere é que o entendimento representado pela mensagem do Clamor da Meia-Noite, tal como foi dado por Samuel Snow na reunião campal de Exeter, não é representado pela obra histórica de Snow, mas pela ação da mão do Senhor. Sua mão havia

encoberto um erro, e foi quando Ele retirou Sua mão que os mileritas então puderam compreender seu desapontamento e também entender que haviam estado no período representado como o tempo da tardança.

A retirada de Sua mão é um elemento vital na experiência dos discípulos que estavam no caminho de Emaús. Isso tipifica o fim do período conhecido como o tempo de tardança e conclui com o entendimento representado pela mensagem do Clamor da Meia-Noite. Ainda assim, a ilustração de Emaús ocorreu após a cruz, que representa o Grande Desapontamento, não o primeiro desapontamento da morte de Lázaro.

E eis que, naquele mesmo dia, dois deles iam para uma aldeia chamada Emaús, que ficava a cerca de sessenta estádios de Jerusalém. E conversavam entre si sobre todas as coisas que haviam acontecido. E aconteceu que, enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus aproximou-se e ia com eles. Mas os olhos deles estavam impedidos de reconhecê-lo. E ele lhes disse: Que tipo de conversas são essas que trocáis entre vós, enquanto caminhais, e por que estais tristes? Lucas 24:13-16.

A palavra "olhos" na passagem representa a visão, mais do que o próprio órgão ocular. A palavra "holden" significa força. Os discípulos não foram capazes de compreender a visão da cruz, pois Cristo havia encoberto a capacidade deles de ver a visão profética da cruz. A mão de Cristo é um símbolo de Sua força. A tristeza que Jesus identificou representava sua grande decepção. Após mais discussão por parte dos discípulos desapontados, Cristo começou a falar.

Então lhes disse: Ó néscios e tardos de coração para crer em tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés e por todos os profetas, expôs-lhes, em todas as Escrituras, o que a respeito de si havia. E aproximaram-se da aldeia para onde iam; e ele fez como quem ia mais adiante. Mas eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e o dia já declina. E entrou para ficar com eles. Lucas 24:25-29.

Jesus instruiu os discípulos empregando a metodologia "historicista" de interpretação bíblica, trazendo as linhas proféticas desde Moisés ao longo da história sagrada para identificar a história da cruz. Jesus usou as linhas da história profética passada, que representam as veredas antigas e a metodologia de linha sobre linha, para instruir os discípulos desapontados. Quando Ele pareceu seguir adiante sem eles, eles O constrangeram a entrar e ficar com eles. Eles estavam no tempo de tardança, e Cristo estava prestes a retirar Sua mão de sobre os olhos deles. Quando Sua mão fosse retirada, o tempo de tardança terminaria e, ao correrem pela escuridão de volta a Jerusalém e aos onze discípulos, eles tipificaram a rapidez da transmissão da mensagem do Clamor da Meia-Noite.

E aconteceu que, estando ele à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lhes deu. Então se abriram os olhos deles, e o reconheceram; e ele desapareceu de diante deles. Lucas 24:31.

Jesus retirou Sua mão, que vinha retendo o entendimento deles da visão profética e, quando o fez, eles O reconheceram. Jesus lhes havia trazido a mensagem do Clamor da Meia-Noite, e eles a receberam enquanto comiam, pois cada mensagem deve ser comida. Imediatamente, eles se

apressaram "como uma onda de maré por toda a terra" para contar aos onze discípulos.

E disseram uns aos outros: Não ardia o nosso coração dentro de nós, enquanto nos falava no caminho e nos abria as Escrituras? E, levantando-se naquela mesma hora, voltaram a Jerusalém e encontraram os onze reunidos, e os que estavam com eles, dizendo: O Senhor ressuscitou, de fato, e apareceu a Simão. E eles contaram o que lhes acontecera no caminho, e como fora reconhecido por eles ao partir o pão. E, enquanto falavam dessas coisas, o próprio Jesus apresentou-se no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco. Mas eles, espantados e atemorizados, supunham que viam um espírito. E ele lhes disse: Por que estais perturbados? e por que surgem pensamentos em vossos corações? Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho. E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, não acreditando eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa para comer? Então lhe deram um pedaço de peixe assado e um favo de mel. E, tomando-os, comeu diante deles. E disse-lhes: Estas são as palavras que vos falei, estando ainda convosco: que era necessário que se cumprisse tudo o que estava escrito a meu respeito na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então lhes abriu o entendimento, para que compreendessem as Escrituras. Lucas 24:32-45.

Assim como com os discípulos no caminho de Emaús, Jesus apresenta a mensagem com as histórias sagradas do passado da Bíblia para explicar a história de Sua morte e ressurreição, e Ele o fez ao lhes dar um exemplo, comendo. O povo de Deus deve comer a mensagem. Em sua incerteza e tristeza, Jesus põe fim ao período de espera que se deu desde Sua morte até Sua ressurreição, ascensão e retorno, ao abrir-lhes o entendimento para a mensagem da verdade presente, baseada nas histórias sagradas do passado reunidas linha sobre linha.

Portanto, os dois discípulos no caminho de Emaús (representando o segundo anjo que se une e é fortalecido pela mensagem do Clamor da Meia-Noite) identificam o tempo de tardança que se seguiu à cruz como o tempo de tardança que precedeu o Clamor da Meia-Noite. O desapontamento dos discípulos, portanto, representa o primeiro desapontamento na linha profética, não o Grande Desapontamento.

A história de Emaús é então repetida com os onze discípulos decepcionados. Jesus se junta a eles, instrui-os acerca do cumprimento da palavra profética por meio da metodologia do "historicismo" e então lhes abre o entendimento, enquanto come. O início da história identifica o fim da história. Jesus então apresenta um terceiro testemunho do fato de que a decepção da cruz pode ser aplicada profeticamente à primeira decepção. Ele fornece o terceiro testemunho da estrutura da história, dizendo-lhes que permaneçam em Jerusalém até que recebam poder do alto.

E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; e que, em seu nome, se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados entre todas as nações, começando em Jerusalém. E vós sois testemunhas destas coisas. E eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder. E levou-os para fora até Betânia e, levantando as mãos, os abençoou. E aconteceu que, enquanto os abençoava, apartou-se deles e foi levado ao céu. E

eles, tendo-o adorado, voltaram para Jerusalém com grande alegria; e estavam continuamente no templo, louvando e bendizendo a Deus. Amém. Lucas 24:46-53.

A ilustração dos discípulos no caminho de Emaús identifica um tempo de espera que começou com Sua morte e durou até Sua ressurreição e ascensão ao Pai. O tempo de espera terminou para os discípulos de Emaús quando a mensagem dos eventos da cruz foi estabelecida pela metodologia de reunir as linhas das histórias sagradas passadas, linha sobre linha. Então a mensagem foi levada pelos discípulos o mais rápido que puderam. Em seguida, Jesus se encontra com os onze discípulos; mais uma vez faz-se referência a uma refeição, linha sobre linha é usada para provar a mensagem e, como com os discípulos de Emaús, Ele então lhes abre o entendimento e parte. Mas não antes de Ele identificar a história de aguardar em Jerusalém até que o tempo de espera se conclua com a chegada do Espírito Santo no Pentecostes.

Quando Jesus disse a Seus discípulos que permanecessem em Jerusalém, era o fim da história do caminho de Emaús. O começo da história representava uma decepção, seguida de um tempo de espera, e depois de uma revelação da verdade que representa a mensagem do Clamor da Meia-Noite. Essa revelação da verdade se consumou quando Cristo retirou Sua mão, que havia “tolhido” os olhos dos discípulos. Esse é o começo da história, e o meio da história se repete na mesma história quando Cristo removeu a decepção dos onze discípulos ao revelar-Se e abrir o entendimento deles para Sua Palavra. Então, um último testemunho da estrutura profética idêntica que começa com a primeira decepção, não com a grande decepção.

A história de Emaús a Pentecostes fornece três testemunhos do primeiro desapontamento, do tempo de espera e do Clamor da Meia-Noite; contudo, o desapontamento real, que é o marco no início de cada um dos três testemunhos, foi na verdade o segundo desapontamento, não o primeiro. Reconhecer que o marco que é o Grande Desapontamento na história milerita é usado para ilustrar o primeiro desapontamento na história milerita é essencial para compreender a narrativa que encontramos nos quatro capítulos de João que ocorrem entre a refeição da Última Ceia e a prisão à meia-noite no jardim do Getsêmani. Vale notar que, quando Jesus apareceu aos onze discípulos e comeu com eles, perguntou: "Por que estais perturbados? E por que surgem pensamentos em vossos corações?"

Logo depois de ele ter comido a última ceia no evangelho de João, a passagem que vamos considerar começa com as palavras de Cristo dizendo-lhes: "Não se turbe o vosso coração." Em cinco dias, eles haviam esquecido essa mesma ordem. Os capítulos quatorze a dezessete do evangelho de João representam a primeira decepção de 18 de julho de 2020, que inaugura um tempo de tardança, conduzindo ao Apocalipse de Jesus Cristo que é deslacrado pouco antes do fechamento da porta da graça, e representam a mensagem do Clamor da Meia-Noite. Essa mensagem introduz um período de tempo que tem sido tipificado pelo movimento do sétimo mês e também é tipificado pela corrida dos discípulos de Emaús a Jerusalém em plena noite. Essa história é o que é representado pelas três letras hebraicas que foram empregadas por Cristo para representar a si mesmo como a "Verdade".

É na narrativa destes quatro capítulos de João que encontramos não apenas a obra do Espírito Santo sendo identificada como os mesmos passos dessa própria palavra, mas também onde se encontra a melhor evidência para sustentar as alegações que agora estão sendo feitas de que o cumprimento final da mensagem do Clamor da Meia-Noite está agora sendo progressivamente apresentado na reunião campal de Exeter, do dia doze de agosto ao dia dezessete. Quando a mensagem for finalmente reconhecida pelos santos que aguardam, o mundo será mergulhado na crise da lei dominical, à medida que esses mensageiros levarem a mensagem final de advertência dos “últimos dias” a um mundo moribundo.